caderno de campo

mariana guimarães

caderno de campo

mariana guimarães

Minas Gerais - Maranhão - Piauí - Ceará - Paraíba

Julho-2018

Às mulheres que inventam novos mundos
tecendo sempre relações entre.

"Exijo a sorte comum das mulheres nos tanques, das que jamais verão seu nome impresso e, no entanto, sustentam os pilares do mundo, porque mesmo viúvas dignas, não recusam casamento, antes acham sexo agradável, condição para a normal alegria de amarrar uma tira no cabelo e varrer a casa de manhã."

Adélia Prado

PRADO, Adélia. Poesia reunida.
Rio de janeiro, editora Record, 2015. p. 142

As páginas que seguem apresentam encontros, muitos encontros permeados pelo desejo de partilha e escuta de histórias de mulheres que detém o conhecimento tradicional de dialogar e trabalhar com o fio. Muitas vozes compõem essas páginas, muitos sorrisos, muitos olhares e cumplicidade nas trocas.

Escritos que são frutos de uma pesquisa de campo pelo interior do Brasil realizada no mês de julho de 2018. Acompanhada pela minha filha Rosa Guimarães de Macedo e meu companheiro Marcio Macedo percorremos seis estados brasileiros, com início no Sertão de Minas Gerais e término no Sertão da Paraíba. Visitamos oito associações de mulheres artesãs trabalhadoras do fio, em distintas técnicas, como fiação, tecelagem, cestaria, renda de bilro, renda renascença, crochê e renda labirinto.

A pesquisa de campo não foi sobre mulheres trabalhadoras do fio, mas foi construída com mulheres trabalhadoras do fio, e teve como objetivo o registro de suas vozes, forças e pulsões a partir do afeto vivenciando para a construção de uma cartografia sobre suas práxis em diálogo com a pesquisa que venho realizando ao longo das últimas décadas sobre o fio como dispositivo de mediação entre a mulher, a casa e a obra.

Fio que faz ver, falar e instaura a conexão e a partilha de experiências. Fio tecido junto. O caderno de campo é uma tentativa de materializar e fixar as percepções vividas, registros valiosos produzidos no calor dos encontros, investida em fazer entender o fio em sua dimensão visível e invisível, que expande mundos e reinventa existências.

Mariana Guimarães
Rio de Janeiro, primavera 2019.

“O sertão está em toda parte.”

Guimarães Rosa.

1° dia.

Preparo-me para embarcar às 11:55h rumo a Brasília, Distrito Federal. O primeiro destino.

Interessante como parece curiosa uma viagem pelo interior do país ter início na capital. Na moderna cidade brasileira, reduto de tanta corrupção e tamanho descaso arbitrado contra nossa população.

Brasília é moderna. O modernismo, entretanto, não deu certo por aqui e, ainda assim, precisamos superá-lo e reassumir nossa condição periférica — cada vez, mais decadente com esse governo ilegítimo — e, ao mesmo tempo, nossa condição criativa e emergente.

Da capital nos deslocaremos de carro para o norte de Minas Gerais, para a cidade de Riachinho. Uma região do cerrado, embora seja nomeada como sertão. Lugar das veredas celebradas na obra de Guimarães Rosa. Lugar onde o fio é fiado, tingido e tecido no famoso tear mineiro.

Muito há a ver, muito a sentir e, sobretudo, muito a escutar.

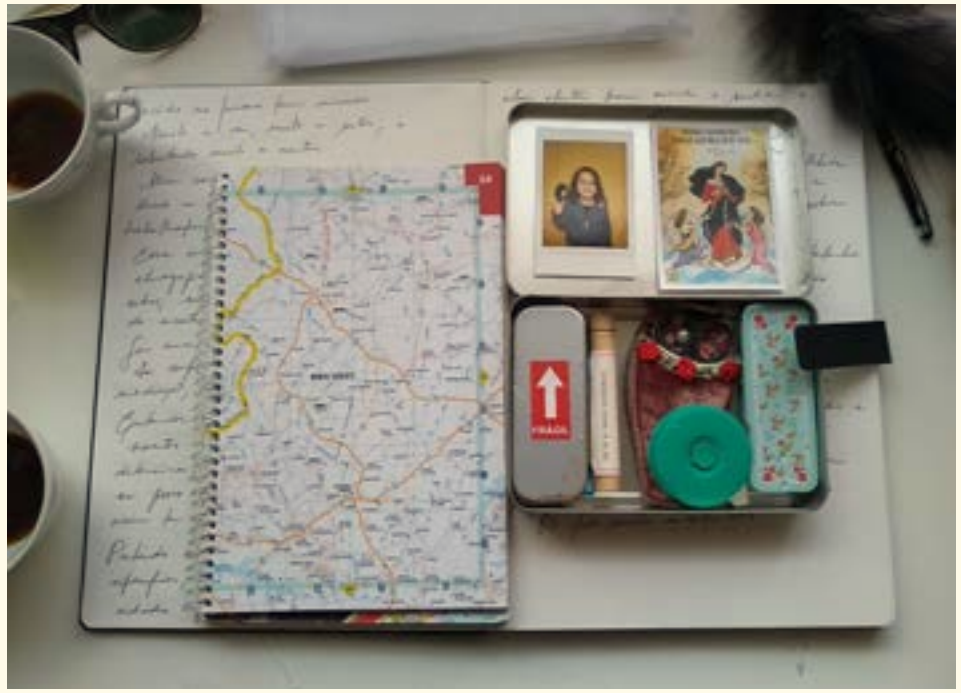
Meu corpo se deslocará durante 20 dias ao encontro de mulheres artesãs trabalhadoras do fio. A viagem não pretende se tornar uma etnografia sobre essas mulheres, mas um trabalho tecido a partir do encontro com mulheres outras.

Sou uma artista-pesquisadora em busca da compreensão do fio como dispositivo de mediação, de encontros, projeção e tensionamentos.

Procurando entender, a partir desse coletivo de forças moventes, como o campo estruturante se determina e se constrói, e de que modo posso expandi-lo, destecê-lo, porque assim tem feito sentido para esta pesquisa.

Pretendo entrevistar as artesãs e produzir sites específicos, catalogar e inventariar as cidades visitadas, mas, sobretudo, pretendo estar atenta para ouvir e sentir aquilo que não será revelado. Captar o entre, lançar-me na experiência do encontro com a disponibilidade para acessar meus mundos internos, ouvir, trocar vivências e sentidos sobre a vida e sobre o feminino.

No fim e no meio, o trabalho deve produzir um testemunho em que esse encontro possa ser revelado de modo poético e político, a partir dele mesmo.



A viagem começa aqui dentro de mim em processos complementares e opostos aos vividos fora. Aqui dentro me desempacoto e tento deixar na origem, no Rio, minhas verdades e projeções. Empacotei uma mala bastante objetiva — poucas roupas, um caderno e uma pequena caixa de costura sem linhas.

Os fios serão encontrados.

“O sentido está no fio.”

D. Emilia.

2° dia.

Percorremos 400 km, de Brasília até a pequena cidade de Riachinho, Minas Gerais. Atravessamos plantações de milho, atestamos: o agro não é pop, é devastador. O cerrado se vê transformado em milho transgênico. Nosso primeiro almoço foi uma pamonha doce, nossa única opção na estrada. Triste fato.

Chegamos no início da noite em Riachinho e nos alojamos no Hotel Luigi, um quarto pequeno e muito limpo, com chuveiro quente e ar condicionado. Jantamos e dormimos em seguida.

Acordei bem cedo, antes do sol brilhar e fiquei na cama pensando sobre essa minha pulsão e desejo em investigar o fio. Rezei, fiz minhas orações e agradeci por ter Rosa e Márcio ao meu lado — fios sagrados, conexão para além.

Rosa. Mariana
d. Diva e d. Emília.

Riachinho, 10/07/2018.

Após o café da manhã nos dirigimos para a Associação de Artesãs de Riachinho. Não consegui o contato prévio com a presidente Solange, fato que fez com que poucas artesãs estivessem a nossa espera.

Solange, Emília, Diva e Virgínia. Quatro senhoras que me relataram que aprenderam a fiar na infância. Foi uma manhã alegre, conversamos sobre a vida e o trabalho com a fiação. Todas foram criadas na roça, em fazendas e sítios próximos a Riachinho e aprenderam a fiar o algodão ainda meninas, com suas mães.

O fato que mais chamou atenção foi a relação entre fiar, cuidar da terra e cultivar. Enquanto a terra descansava entre a colheita do milho, do feijão e do arroz, as agricultoras-fiandeiras não paravam para se tornar, continuavam a trabalhar no algodão, fazer peneiras, construir e consertar as ferramentas para o próximo ciclo de plantio e colheita.

Em toda a roça havia uma plantação de algodão e dessa matéria prima valiosa produziam suas roupas e as roupas de cama e cobertas. Em toda roça, uma roca. O trabalho do fiar é um trabalho que movimenta a casa. É uma prática de trabalho que gera uma economia de subsistência, gera bens de consumo: tecido. É um trabalho ancestral de manutenção e cuidado à vida. Acolher com o pano, alimentar com o feijão, o milho e o arroz.

O fio é o tecido.
O tecido é o fio.

Conforme eu já observara anteriormente em minhas pesquisas e hipóteses, penso que o fio nasce da semente, mas o que nutre a semente são os valores presentes na rede.

O fio é rede na medida em que a rede é fio. É um movimento infinito feito o da roca no fiar, que transforma o algodão em fio para ser, novamente, transformado em tecido. Sem fio não tem tecido, sem tecido não tem sentido o fio.
Talvez o sentido do fio seja o tecido como me disse d. Emília. O movimento constante do tornar-se.

O algodão é um elemento muito importante na rede. Uma planta que tem uma simbologia muito forte para todas as artesãs. D. Emília disse, “pensando bem, se a pessoa tem mesmo juízo, ela tem um pé de algodão no quintal”.

Do sumo do algodão elas produzem uma garrafada que auxilia na cicatrização do útero no pós-parto. Toda mulher antiga já preparava sua própria garrafada alguns meses antes do parto.

Muitas me relataram que seus partos foram solitários, dentro de casa.

A folha do algodão é cicatrizante e o caroço moído é expectorante.

Durante a tarde caminhamos na cidadezinha de Riachinho em suas ruas de terra vermelha para observar os quintais e seus pés de algodão. Em quase todas as casas observamos um arbusto de algodão.

Colhi algumas painas com Rosa. Em um desses quintais o algodão estava ao lado do pé de boldo. Colhi algumas folhas para fazer um chá no final do dia.

O algodão foi uma planta cultivada em abundância nesta região, mas atualmente a matéria prima utilizada para a fiação não é mais plantada pelas próprias fiandeiras. O algodão utilizado vem de fazendas de Unaí, Minas Gerais.

Muita coisa foi modificada nesse ciclo, atualmente o trabalho com o fio não está mais relacionado com uma economia de subsistência, as mulheres não dependem mais do tecido do algodão para seu consumo. Para as mulheres com quem conversei hoje, o ato de fiar e tecer na contemporaneidade está relacionado com uma prática de manutenção de uma subjetividade que as reúne em torno de um trabalho, das histórias e da memória. A associação aqui me pareceu pequena, são aproximadamente 15 associadas. É um trabalho de resistência e de manutenção de uma identidade que foi construída a partir desse trabalho e do gestual.

Cedro

Jatobá

Sambaiba

Moeira

algodão cru

“O fiar é coisa daqui do sertão mesmo.”

Rosineide.

3° dia.

Passamos o dia em Uruana, uma cidade distante 40 km de Riachinho. Adentramos um pouco mais pelo sertão em uma estrada de terra vermelha ladeada de lindas árvores do Cerrado. No caminho, passamos pela cidadezinha de Sagarana, lugar consagrado e imortalizado na obra de Guimarães Rosa. Fiquei pensando continuamente em uma afirmação que li e que me chamou muito a atenção: **Sertão, esses seus vazios.** Transformei a frase em uma pergunta: quantos vazios cabem nesse sertão?

São tantos hiatos no tempo e no espaço. Tantos vazios. Penso sobre isso ao observar as paisagens, as casas, as pessoas. Paro e observo as casas, as pessoas e as paisagens. Aqui tudo é tão silencioso, mas vez ou outra me assusto com tamanha profundidade. Aqui é pobre, mas já foi miserável. A terra vermelha parece que toma tudo. Vejo uma marca grande de dor nas pessoas, muita luta e trabalho pesado.

Penso nas personagens de Guimarães Rosa e muito em Diadorim, parceiro de Riobaldo. A mulher não-mulher que encanta o sertanejo. Não percebo na obra de Guimaraẽs Rosa uma discussão sobre transexualidade e, embora essa seja uma discussão importante e pautada fortemente na contemporaneidade, minha hipótese é a de que ser mulher no sertão é um exercício de coragem e ousadia. Transvestir-se de homem em Diadorim me parece um ato de necessidade, uma busca por lugar de fala e valentia.

São as mulheres que fazem a roda girar por aqui, mas ainda são silenciadas e oprimidas por uma sociedade arcaica, machista e violenta. Vimos muitas mulheres incríveis — separadas, abandonadas, viúvas e casadas — todas trabalhando duro em bares, restaurantes, na roça, na roca, nos mercadinhos. Conversei com poucos homens e vi muitos homens nos bares bebendo cachaça. Não vi nenhuma mulher.

Sertão não é para iniciantes. São abismos de faltas: saúde, educação, assistência básica. Aqui, a ferida é um pouco mais exposta que a maior parte do Brasil, tem uma cicatriz tão grande que a terra vermelha não deixa secar. É sempre presença.

A tecnologia e a comunicação de massa estão presentes todo o tempo e, de um certo modo, nos unem, sobretudo às crianças.

A alimentação é muito industrializada, poucas verduras e frutas. Por aqui, as plantações e as pequenas roças são atingidas pelo agronegócio, pois seus venenos se espalham pelo ar. Nos bares há muito biscoito recheado, refrigerantes e carne, muita carne preparada com muito óleo. Tomamos bastante refrigerante e Rosa tomou bastante achocolatado industrializado. Não havia suco de fruta natural e quase nada de frutas.

O tecer está intimamente ligado à terra. E a terra está cada vez mais distante da mulher.

4° dia.

Uruana de Minas é uma pequena cidade que nos encantou pela presença de um poder público eficiente. Havia um clube municipal com piscina pública e aulas de hidroginástica e natação para a população; a biblioteca municipal funcionava à noite e as escolas eram bem conservadas. Fomos recebidos pela secretária de Cultura do município, que nos acolheu calorosamente. Foi um impacto a acolhida e a cidade tão organizada.

Passamos o dia com a Evaneide, uma artesã de 39 anos que através de uma aula-experiência muito generosa me iniciou no tingimento natural a partir do uso da matéria prima do cerrado. Vivenciamos um dia de muita sabedoria, consciência ambiental e social. Previamente eu havia telefonado para Evaneide e agendamos essa ida à Associação de Uruana e essa aula-experiência.

O trabalho de fiação, tecelagem e tingimento é realizado em rede. O Município de Uruana é o responsável pelo tingimento de todo algodão fiado pelas artesãs que compõem a Central Veredas, uma organização que comercializa e divulga todo o trabalho realizado na região.

Evaneide me apresentou todas as etapas do tingimento. Tingimos alguns tecidos artesanais e alguns tecidos que eu levava no carro, comprados na tarde anterior, durante o passeio em Riachinho, quando entrei em algumas lojinhas em busca de tecidos e acabei comprando um pacote de fraldas e uma caixa de lenços.

Conversamos o dia todo, todo o depoimento foi registrado de modo muito especial pelo Márcio, que participa das entrevistas ativamente sempre focado em entender os processos relacionados ao turismo, o papel desempenhado pelos maridos e companheiros frente ao trabalho das mulheres.

Mariana, Evaneide
e Rosa
enrolados em um
amarelo profundo.

Umuarama, 11/07/2018.

Tenho produzido bem lentamente alguns pequenos objetos e exercícios que possam me auxiliar no registro e na memória vivida. Ontem na minha visita nas lojinhas, comprei um pedaço de linho branco para fazer frottage no chão e nas cascas de árvores de Riachinho. Foi a nossa primeira experiência plástica. Senti um desejo de registrar e imprimir toda nossa caminhada no pano. Também escrevemos na estrada de terra vermelha: Ser-tão.

Hoje tingimos com a serragem da madeira Moreira, um amarelo muito vibrante. O quintal foi nossa escola. Jatobá, babá-timão, buriti, cedro, índigo, casca de cebola, folha de manga.

Deixar de molho, ferver, enxaguar, torcer e pendurar. Muitas bacias, fogão a lenha e muita conversa.

Muitas cores, muita consciência no fazer e no pensar. Trabalho intelectual que permeia a produção manual.

No final do dia, Evaneide me perguntou, "e para você, Mariana, o que é o fio?"
Nesse momento pensei e senti o quanto a troca é a grande dádiva da pesquisa de campo. Senti que começava aí a trama de vozes que tanto tenho falado, porque entendemos eu e ela que a vida é fio... além do trabalho manual, o fio é a própria vida.

Sorrimos juntas.

5° dia.

Saímos de Riachinho pela manhã do dia 12 de julho. Acordamos bem cedo e, antes de seguirmos viagem para Bonfinópolis, paramos em um campo de futebol de terra vermelha para que eu pudesse fazer uma performance.
Ainda em conexão com Guimarães Rosa, pensei no vazio no espaço, o vazio no olhar, as faltas tantas que não sei, mas pensei sobre as lacunas que permeiam a vida de uma mulher sertaneja no interior do país — uma vida de faltas e abismos intransponíveis de miséria e de assistência básica. E pensei também nas minhas faltas como mulher, artista, pesquisadora e moradora de uma capital violenta, desigual e ao mesmo tempo maravilhosa como o Rio de Janeiro. As faltas nos movem? O que não pode nos faltar?

O meu sentimento ao propor essa performance caminhava por esses questionamentos. Como preencher o vazio? Comecei identificando que era naquele espaço de terra vermelha e batida que precisava estar e performar. O campo é um lugar simbólico, poderia pensar no campo em que o fio está estruturado naquela região, ou no campo de forças distintas entre a arte contemporânea e a arte popular. Ou ainda a ideia de campo como paisagem externa, lugar vasto, lugar de disputas, de brincadeira, lugar de imensidão. Campo é território.

De todo modo aquele campo havia se tornado um território afetivo, um elo poético nessa passagem por aqui, pois no dia em que chegamos, almoçamos em um restaurante na esquina do campo de futebol e, enquanto conversávamos com os donos do estabelecimento, percebemos que um caminhão pipa se aproximava do campo jorrando água para acalmar a poeira do meio-dia. Enquanto o caminhão jorrava água, meninos de bicicleta seguiam o caminhão para banharem-se na chuva artificial do sertão árido e se refrescarem. Rosa espontaneamente aderiu à brincadeira e se juntou aos meninos. Foi uma poesia de meio-dia.

A performance consistiu em desenrolar um novelo de fio tecido por mulheres de Riachinho no campo. Amarrei uma ponta do novelo na trave do gol e fui caminhando de costas, desenrolando lentamente até o novelo acabar.

Márcio documentava a performance apoiando a câmera em um tripé e Rosa observava e fotografava sentada embaixo de um pé de árvore, em uma das poucas sombras que havia no local.

No final da ação senti vontade de retornar, mas desta vez enrolando o fio no meu abdômen, fui caminhando lentamente, enrolando-me no fio. Enrolei todo o fio e senti vontade de chamar Rosa para performar comigo. Nesse momento criamos um movimento circular como em uma roldana, o fio que estava enrolado na minha barriga era agora enrolado na barriga dela em movimento oposto ao meu. Fizemos uma dança em torno de nós mesmas, uma passava o fio para a outra. Senti um grande êxtase ao realizar essa ação ao lado dela, uma sensação de amor e liberdade imensos. A nossa expressão era de muita felicidade e comunhão.

Dançamos e de repente o fio se arrebentou. Confesso que em um lapso de momento senti uma frustração grande, mas depois a partir do olhar de aprovação do Márcio percebi imediatamente o quanto a ruptura do fio é fundamental no processo da existência.

Lembrei do cordão umbilical que é cortado no momento do nascimento e da semente quando rompe sua casca para o surgimento da radícula, ou o processo de ecdise nos animais. Foi um momento muito importante que me possibilitou posteriormente muitas leituras. Continuamos performando brincando com o fio solto, construindo um compasso humano e brincando de pião, possibilidades outras do fio quando se rompe.

Fizemos um versinho assim, “roda pião, fia pião...”

Entramos no carro com alegria e êxtase e partimos para Bonfinópolis.

“Ter um tecido americano era o sonho de toda a mulher aqui do sertão.”

Maria José.

6° dia.

Em Bonfinópolis fomos recebidos pela Maria de Fátima, o encontro fora marcado previamente. Eram 9:30h e as senhoras já estavam a nossa espera. Eram 10 mulheres que prontamente, assim que cheguei, pegaram suas rocas e começaram a fiar, cardar e conversar.

A Associação daqui é maior que as outras que visitei, uma casa espaçosa com dois teares na varanda, uma sala na frente com prateleiras e mesas. Nos fundos havia uma sala equipada com máquinas de costura industriais usados por mulheres de outro projeto e no quintal, mais no fundo, estava uma bela horta cultivada pela senhora Maria José, mãe de Maria de Fátima.

Nossa conversa não foi muito longa, elas estavam preocupadas com o horário do almoço e do ônibus que as levaria de volta para a zona rural. E acabou sendo direcionada para os modos como as roupas eram feitas. Percebi que queriam falar sobre os vestidos que teciam. Contaram-me que no passado, cada uma possuía três vestidos de algodão. Um para usar em casa, outro para trocar e outro para sair.

Os bebês ao nascerem ficavam enrolados, pelados, em uma mantinha de algodão “bem fiadinho” até começarem a andar, explicou-me
d. Maria.

Contaram da vida na roça e do plantio do algodão, sempre com a mesma afirmação, “após o trabalho da casa e da roça sentávamos para fiar o algodão”. Poucas teciam, todas fiavam!

A tecelagem ficava por conta de algumas poucas mulheres que trabalhavam no tear e o pagamento para essas mulheres era realizado através da troca com fios ou outra mercadoria. “Catira é o nome da troca que fazíamos”, contou-me a senhora Anatalia. Contaram que havia os mutirões para fiar e tecer peças entre elas. As artesãs organizavam frentes de cooperação quando uma mulher ia se casar ou precisava de uma roupa.

“O nosso sonho no passado era ter um vestido de algodão americano ou namorar um moço que estivesse com uma camisa de algodão americano.” — Maria José.

O algodão americano é como as artesãs nomeiam o algodão tecido industrialmente, é o algodão cru que conhecemos. Fiquei surpresa ao saber que esse tipo de tecido entrou na vida dessas mulheres 40 anos atrás.

O isolamento econômico, social e territorial da região escreveu a história desse ofício. A questão territorial é a base dessas práxis e dessa história. O sertão foi uma zona de extrema pobreza, distanciamento e apagamento, hoje essa realidade começa a ser modificada, sobretudo após o governo Lula que beneficiou muito a vida da população rural e sertaneja.

O trabalho na roca e na roça eram necessários para a manutenção da vida e economia do lar. Nunca foi um trabalho para gerar renda nem era visto como um negócio. O que percebemos é que ainda hoje o trabalho de fiação não movimenta para elas uma geração de renda; as Associações que visitamos funcionam como local de memória de um fazer e de um pensar. O dinheiro é pouco. Nas Associações as mulheres se reúnem, conversam e produzem peças que são distribuídas pela Central Veredas, que tem a sede na cidade de Unaí.

Não fomos à Central Veredas para conhecer o processo de distribuição e venda das peças, mas conversei com a responsável pelo telefone antes da viagem, a coordenadora Monique, pessoa que também me colocou em contato com todas as artesãs. A Central Veredas possui uma página no Facebook, divulga o trabalho e negocia com os compradores; está encarregada também da distribuição das peças para o tingimento e da pesagem do fio vendido no quilo.

As artesãs enviam para a Central o que produzem e uma porcentagem, pequena, fica para a Associação em pagamentos mensais (de aproximadamente 5 reais) ou num desconto direto; o restante fica para a artesã que produziu a peça.

A Central Veredas tem sua importância na distribuição, mas a Associação está estruturada para ter mais autonomia frente à Central. A responsável pela associação de Bonfim é a própria Maria de Fátima — que me contou que está fazendo faculdade de Letras e que gostaria muito de fazer seu trabalho de conclusão de curso sobre as fiandeiras, mas que se sentia muito insegura sobre as referências e a relevância do tema. Coloquei-me à disposição de sua pesquisa e ela ficou emocionada, com os olhos cheios de água. Nos abraçamos forte e combinamos de trocar cartas sobre as histórias e os textos de referência. Mais uma vez senti a força da viagem, e a possibilidade de formar uma rede. Ser e estar na rede.

A mãe de Maria de Fátima cultiva a horta no quintal da associação, conversamos muito no meio da horta. A senhora Maria José me mostrou cada planta, cada fruto, e mostrou tudo de novo para Rosa. As artesãs associadas ao saírem passavam na horta para pegar alface ou outra verdura para o almoço. Mais uma vez refleti sobre a relação da terra com o tecer.
Tecer texto terra. A tríade contém um trabalho sagrado que estrutura o campo.

Eis o mistério do fio.

7° dia.

No dia em que visitamos a associação de Bonfinópolis comprei uma roca de d. Anatália. Previamente, pelo telefone, dei a entender meu desejo de ter uma roda. Essa senhora dispunha de duas rodas e estava procurando uma compradora havia alguns meses. Fiquei feliz em poder comprar esse instrumento de trabalho de suas mãos e em perceber que ela também estava feliz com nossa catira. pretendo transformar essa roca em uma instalação. Penso em instalar um sensor na roca que possa se mover, ao contato com outro objeto, criando um circuito. Ainda não sei que objetos estariam com ela conectados, mas pensei em algo que representasse um movimento contínuo e sensível à presença do outro.

Embalamos a roca com cuidado e enviamos pelos Correios em Unaí. Houve o maior alvoroço na agência, pois o senhor que me ajudou a embalar ficou emocionado ao ver a peça e contou que seu pai fazia esses instrumentos para as fiandeiras de Sagarana. A roca é um instrumento de trabalho de memória ancestral.

“O bordado é feito com vidrilho, pois precisa brilhar no sol.”

(brincante miolo de boi)

8° dia.

Foram quatro noites no Maranhão. Senti-me muito plena em minha estadia por aqui. Em São Luís dormimos apenas uma noite - no meio do centro histórico. Era o dia do encontro de miolos de boi bumbá, assim que chegamos, e fizemos uma visita com um guia de turismo local para entendermos a história da cidade.

Entramos em contato com a história da colonização francesa na cidade e aprendemos sobre a azulejaria e os casarões. Tive a triste percepção do descaso e abandono dos órgãos públicos com o centro histórico e seu rico casario e, ainda assim, os azulejos portugueses me encantaram.

Andei bastante atenta ao chão para tentar encontrar caquinhos para minha coleção e para o encontro. Talvez borde reproduzindo o ladrilho encontrado, aliás um bordado com vidrilhos, tão típicos aqui. Pensei em reproduzir os desenhos e seus fragmentos em bordados com lantejoulas e canutilhos, são fragmentos de linhas horizontais e verticais em azul anil. São pequenos encontros que me afetam e potencializam meus processos internos e vão aos poucos se materializando em vestígios, em processamentos da realidade vivida. São deslocamentos que bordo.

O guia nos contou diversas histórias de violência e opressão de um Brasil colonial, ocorridas naquela rua.

Na véspera da viagem para o Maranhão, ainda no hotel em Brasília, no retorno de Riachinho, eu tinha assistido uma reportagem na televisão sobre a corrupção no Maranhão, em um pequeno município onde as escolas estavam caindo e as crianças andavam dois quilômetros a pé para estudar. O prefeito daquele município havia desviado milhões de reais do orçamento já miserável da cidade.

Às vezes, observando as paisagens brasileiras, tenho a impressão de que o país ainda está em construção. São tantas casas sem reboco, no tijolo aparente, montes de areia nas calçadas, tanta precariedade – parece um devir, na construção a todo momento, sempre em vias do acabamento que parece nunca chegar. É como me sinto observando as pessoas, as casas.

Ao mesmo tempo existe algo tão sólido em nossas manifestações culturais populares.

No encontro do miolo de boi, a primeira percepção, foi a de que todos os participantes eram negros, a grande maioria estava alcoolizada e não possuía todos os dentes.

Era uma dicotomia emparelhar tantas rugas de sofrimento e abandono, o rosto marcado pelo sol e a mão calejada do trabalho duro a tanta festa, com brilho e alegria, enfeitada de lantejoula, vidrilho, embalada por música e envolvida em arte! Seria essa produção de singularidade um modo de resistência e enfrentamento a tamanha violência? Um modo de sublimação poética a todo sofrimento causado em séculos de violência e escravidão?

O boi é um grito. É ao mesmo tempo uma armadura e um fardo. O miolo dança e encarna uma armadura de um corpo que resiste, um corpo que brilha no sol. “Tem que brilhar, dona.” Foi o que me respondeu o mestre artesão bordador de bois-bumbá quando perguntei por que tanto canutilho, lantejoula e vidrilho. Os bordados que decoram os bois aludem todos ou a grande maioria, a santos da igreja católica – São João do Carneirinho, Nossa Senhora, a sagrada família. Todos santos brancos! Não vi nesse cortejo nenhuma imagem de orixás da mitologia iorubá, por exemplo.

Há de fato uma produção forte e autêntica de singularidade coletiva, mas os sinais da colonização são queimaduras profundas na nossa gente.

O Maranhão abriga a terceira maior população negra do país e mais de 600 quilombos reconhecidos. Há uma luta grande de resistência e manutenção de uma tradição e da cultura que foi fortemente violentada, até quedar parcialmente dizimada.

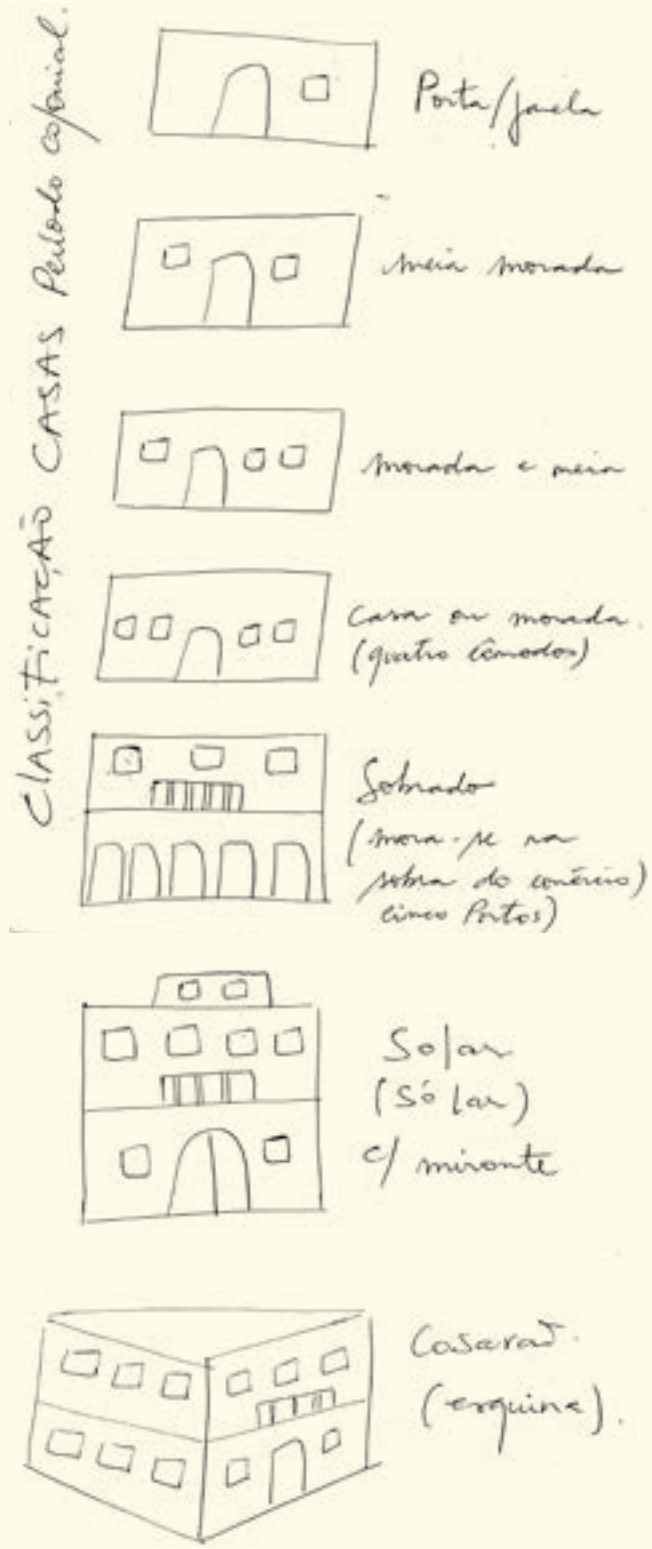
Serão ainda muitos séculos até que essa história seja reescrita – enquanto isso, as famílias Sarney seguem à frente de casas de comando, e o abismo é cada dia maior.

Minha questão tem sido como promover o antirracismo em minha conduta, na minha arte como mulher branca, intelectual e de classe média privilegiada. Trata-se primeiramente de reconhecer meu lugar de privilégio e buscar treinar uma escuta alinhada e empática a todo o contexto da sociedade brasileira, e depois perceber no que, de fato, posso contribuir para destecer. É um exercício cotidiano e rigoroso de responsabilidade, não de culpa. Durante a apresentação dos bois Rosa sequer piscou! Quis gravar todo o cortejo, dançou, conversou com todos e registou em sua máquina fotográfica 16 minutos do cortejo a partir de seu olhar. Foi uma cena inesquecível e o vídeo ficou singular.

Sinto que ela está aprendendo a olhar a partir de uma personalidade inclinada à ética, política e ao respeito. É demasiadamente crítica, questionadora e muito afetiva.

No Brasil colônia, as moradas eram classificadas como porta, janela, meia morada, morada e meia, casa ou morada, sobrado, solar e casarão. Uma casa precisava ter quatro cômodos para assim ser considerada. Não eram consideradas residências as moradias com menos cômodos. O direito à moradia sempre foi negado à população escravizada, ainda que em liberdade, ou à população pobre. Ter uma casa sempre foi visto como um privilégio e não como uma necessidade vital. Desse estado de coisas pouco avançamos, apesar de séculos idos – no Brasil contemporâneo, são muitos indivíduos que não possuem um lar.

O direito à moradia é uma grande luta liderada por mulheres e homens nas grandes cidades do país e no interior, na luta pelo direito à terra. Temos hoje uma triste realidade, são 6,9 milhões de famílias sem casa, contra 6 milhões de imóveis vazios. Uma soma que não fecha. Um abismo. Casa. Fio. Mulher. Nessa investigação e construção da tese, sinto que preciso me aproximar das mulheres que estão na luta pelo direito à moradia. Essa será a próxima incursão que pretendo realizar para ter um panorama da luta e das questões que permeiam essa pauta. É uma luta de tensionamento em que o privado se torna público e político.



9° dia.

Chegamos em Barreirinhas através de um traslado regular, em um micro-ônibus. Márcio sentiu fortes dores na coluna durante a viagem e ali percebi que talvez precisássemos diminuir um pouco o ritmo e descansar. Porém, assim que chegamos na pousada, contratamos um passeio para visitar os Lençóis Maranhenses e fomos em uma jardineira que pulou bastante e, ao retornar do passeio, Márcio caiu de cama – muita dor, coluna travada.

Reservamos os dias seguintes a permanecer na pousada que possuía um rio em seu terreno – o rio Preguiça. Descansamos por três dias, tomamos banho de rio e dormimos em baixo de um cajueiro. A pousada Murici foi ímpar para nossa família – logo na entrada havia um grande altar e no jardim uma capela de pedra com a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Senti-me acolhida.

Foi um tempo de espera. Silenciei-me e me pus no movimento para encontrar ali, naqueles dias, um sentido que desse conta daquele sentimento que estava vivenciando. Como encontrar liberdade naquela espera?

Fiz amizade com as lavadeiras da pousada, pois me encantei pelo varal com os lençóis tão brancos e alvos. Um labirinto de lençóis! Para mim, foram revelados como os verdadeiros lençóis maranhenses. Estavam à minha mão.

Produzi alguns vídeos, perdi-me no meio do branco. Ia e voltava todas as manhãs. E, por fim, entrevistei Marilena e Rosi sobre o ofício das lavadeiras e passadeiras em Barreirinhas. Posso dizer, sem medo de errar, que fiquei mais encantada pelo varal de lençóis do que com a paisagem natural do parque dos Lençóis Maranhenses.

Sou mesmo deslocamento.

Marilena, Mariana, Rosi
e Rosa.
As donas do varal!

Varal para mim tem uma força poética imensa. Observo sempre ao longo das estradas os varais feitos em cercas de arame farpado. Como pode estender roupa no arame farpado! Não fura? Ainda há as cercas de finos troncos de árvores, quantas cercas, quantos varais. Quanta demarcação de território em cercas frágeis, quanta roupa lavada. Tudo é uma questão de território, demarcação, separação e no fim, lavação de roupa. A roupa estendida no varal de arame farpado é uma ousadia nas fronteiras entre uma casa e outra.

Gosto de cercas de arames farpados, por dois momentos as trouxe para meu trabalho de arte. Na primeira vez, reproduzi arames farpados em delicados paninhos brancos, uma série alva com 20 paninhos. E, na segunda vez, realizei uma instalação no Centro Municipal Sérgio Porto, na exposição Entre-muros, com curadoria de Brígida Baltar, Marcelo Campos e Ana Miguel. Montei uma cerca com toras de galhos de madeira coletadas na Serrinha e arame farpado. Teci essa grande urdidura com rosas vermelhas, 120 rosas vermelhas. Ao trabalho chamei de tear. E ficou bem interessante, as flores murcharam ao longo dos dias que a exposição ficou em cartaz. Eram quase cinco metros de cerca.

Parque dos
lençois maranhenses.
beleza sem igual.

No parque dos Lençóis Maranhenses, apesar de tamanha beleza, senti-me afetada por tantos turistas, tanta fotografia, tanta gente. Escolhi para mim esses lençóis maranhenses. Desvio do meu olhar que proporcionou um encantamento sem igual. Era um labirinto, vários caminhos de paisagens formadas por uma escala de branco - com sombras e luz. Caminhos de me perder no meio de tanta brancura - esse acontecimento da casa.

>> 10° dia.

"O buriti é tudo o que temos aqui. Árvore da vida, da nossa vida."

Sônia

São Sebastião dá o tom da mata ribeirinha e tinge o fio da seda do buriti na comunidade do Marcelino. De barco, chegamos na comunidade ribeirinha do Marcelino - distante aproximadamente 40 minutos, navegando pelo Rio Preguiça. Fomos acompanhadas pela Cris, esposa do Nildo, recepcionista da pousada e dona de uma pequena loja de artesanato de fibra de buriti na cidade de Barreirinhas. Ao chegarmos na margem do rio, fomos recebidos pela Sônia, líder das artesãs da comunidade.

Pela viagem de barco, pude observar os muitos pés de buriti que margeiam o rio. Foi uma visita muito especial. As artesãs nos esperavam e ao saberem que Márcio estava com dor na coluna, prontamente prepararam um chá de hortelã com mastruz, poderoso anti-inflamatório.

Na comunidade vivem aproximadamente 300 pessoas – sobrevivem da roça de feijão, do cultivo do arroz e do artesanato de buriti. O local é muito simples e bastante pobre; todas me relataram que a vida era muito difícil antes da chegada da Sônia. O trabalho era trocado por comida na cidade ou por 1 ou 2 reais. Sônia, ao chegar na comunidade, fez contato com o Sebrae e o artesanato solidário. Atualmente a associação produz e exporta seus produtos para diversos países do mundo – além de receber turistas e até mesmo um grupo de estudantes de São Paulo que fazem um turismo de experiência uma vez por ano.

O trabalho que realizam com a seda do buriti é belíssimo, muito especial e super original. O processo consiste em retirar o olho do buriti, que é o broto da folha da palmeira ainda fechada. Dentro dessa folha tem essa fibra muito macia e clara, que é desfiada com uma faquinha de cozinha. Essa fibra é chamada de seda do buriti – essa fibra é seca ao sol, tingida com diversos temperos, como açafrão, urucum, índigo e cascas de árvores diversas.

O processo de tingimento é o mesmo de Uruana, ferver em fogo à lenha por 40 minutos. Após o tingimento a seda é tecida em suportes de madeira. Formam-se tramas bonitas com cores vivas. É um trançado belíssimo, com diversos desenhos. As mulheres produzem chapéus, bolsas e cestas.

Fiquei muito, muito emocionada com a recepção, a acolhida do grupo e encantada pelo processo e a técnica do trabalho. É uma prática ancestral, e está lá desde sempre. “Parece que é coisa de índio, né?”, provocou uma das artesãs.

A comunidade recebeu o título de comunidade quilombola há pouco tempo. Parece que muito será feito ainda – vi mulheres jovens empenhadas no tecer e engajadas na organização e gestão da associação. A maioria dos objetos produzido não são comercializados nas lojinhas de artesanato no centro de Barreirinhas, são vendidos apenas na associação e enviados para lojistas de outras cidades, no Brasil e no exterior.

Em Barreirinhas, o comércio e produção de objetos produzidos com a fibra do buriti é imenso! Acredito que a maioria das mulheres produz o artesanato, porém, na cidade, as peças são mais simples do que as produzidas no Marcelino, também não são tingidas e os pontos são mais largos. Conversamos muito com as artesãs da cidade também, é sempre o mesmo discurso, “aprendemos com nossa mãe!”

Antigamente essa tecelagem era realizada para a confecção de redes de dormir, cestas e balaios, utensílios domésticos e de pesca e lavoura. As artesãs levam uma vida muito simples e sacrificada em muitos aspectos. Moram em uma comunidade ribeirinha, sem eletricidade e sem acesso direto a médicos e educação, apesar de funcionar uma pequena escola no vilarejo.

Todas me relataram da alegria de trabalhar com a seda do buriti e a movimentação econômica que o trabalho tem gerado. É um trabalho – "nosso trabalho", me disse uma delas. Produz-se através desse oficio o fortalecimento da comunidade ribeirinha quilombola, a manutenção de uma práxis ancestral e vias de constante atualização que possibilitam a permanências em suas terras, vivendo do que a natureza oferece, em comunhão.

O que falta, disse-me Sônia é "o apoio e incentivo do prefeito, que não quer saber de nosso trabalho e não nos ajuda em nada, só tira!". E percebi que era o que realmente faltava para que o trabalho continue do modo como está sendo realizado, pois todo apoio acontece através do Sebrae e através de estilistas, empresários etc. Muito embora elas tenham me relatado sobre um estilista da Bélgica, que desenha peças exclusivas, mas que pede muito desconto, e todas acham um absurdo muito grande.

O capitalismo é realmente um monstro cruel e perverso, e, geralmente, quando escuto esses depoimentos, digo “não se dá desconto no artesanato, e não se pede desconto!” Sempre digo isso. Sempre! Nunca, jamais solicitei um desconto de uma artesã. Tenho feito compras quando vou ao encontro de mulheres. Além de gostar muito de todas as peças, sinto-me alegre em adquirir e estabelecer trocas através da aquisição de peças e, nessa viagem, tenho oferecido uma fotografia da máquina Polaroid, fiz isso em Riachinho e achei interessante e afetivo dar uma foto na hora para a associação. Todas gostam muito de ver a foto “nascer”. Quando eu retornar ao Rio vou enviar as fotografias impressas e os vídeos realizados para cada associação.

Aqui estamos no Marcelino. A foto ficou bem escura mas é um registro do alegre encontro.

Sou movida de paixão pelo ofício dessas artesãs – e ainda mais por suas histórias. Posto-me na escuta acolhedora, ofereço sempre meu sentimento de gratidão e paixão.

Não existe neutralidade da pesquisadora. Sou apaixonada mesmo apesar de muito crítica ao contexto opressor do capitalismo e da circulação desses bens na sociedade.

Não sou antropóloga e meu trabalho não é uma pesquisa etnográfica – preciso estar atenta como artista e pesquisadora. Olho para onde meu olho escapa. A planta plantada no pote de margarina, as vasilhas secando no quintal, os altares, os lenços no cabelo, o esmalte descascado nas unhas, os sorrisos e os causos me encantam. O que desejo comunicar através desses encontros? Como comunicar?

Como processar a realidade desses encontros e experiências vividas? Vez ou outra me pego conversando sobre a horta, sobre a maternidade, o parto, os remédios caseiros, as árvores – pergunto menos sobre a técnica e mais sobre a vida. Interessam-me os modos, o contexto, o biológico, o natural.

Procuro observar e olhar fixo as mãos, os olhos. Quando retorno das viagens e olho minhas fotografias junto das artesãs, percebo que quase me camuflo, meu corpo vai ficando parecido com o delas, minhas mãos nas cadeiras, o lenço que sempre amarro no cabelo. Passo por uma transmutação e demoro a me despedir desse corpo que encarno nas pesquisas de campo.

O fio para mim é essa conexão, é uma tecnologia que tem se apresentado como sustentável, é uma matéria prima barata, leve e não requer grandes ferramentas para trabalhar. São tecnologias relacionadas à subsistência no sentido mais histórico e econômico.

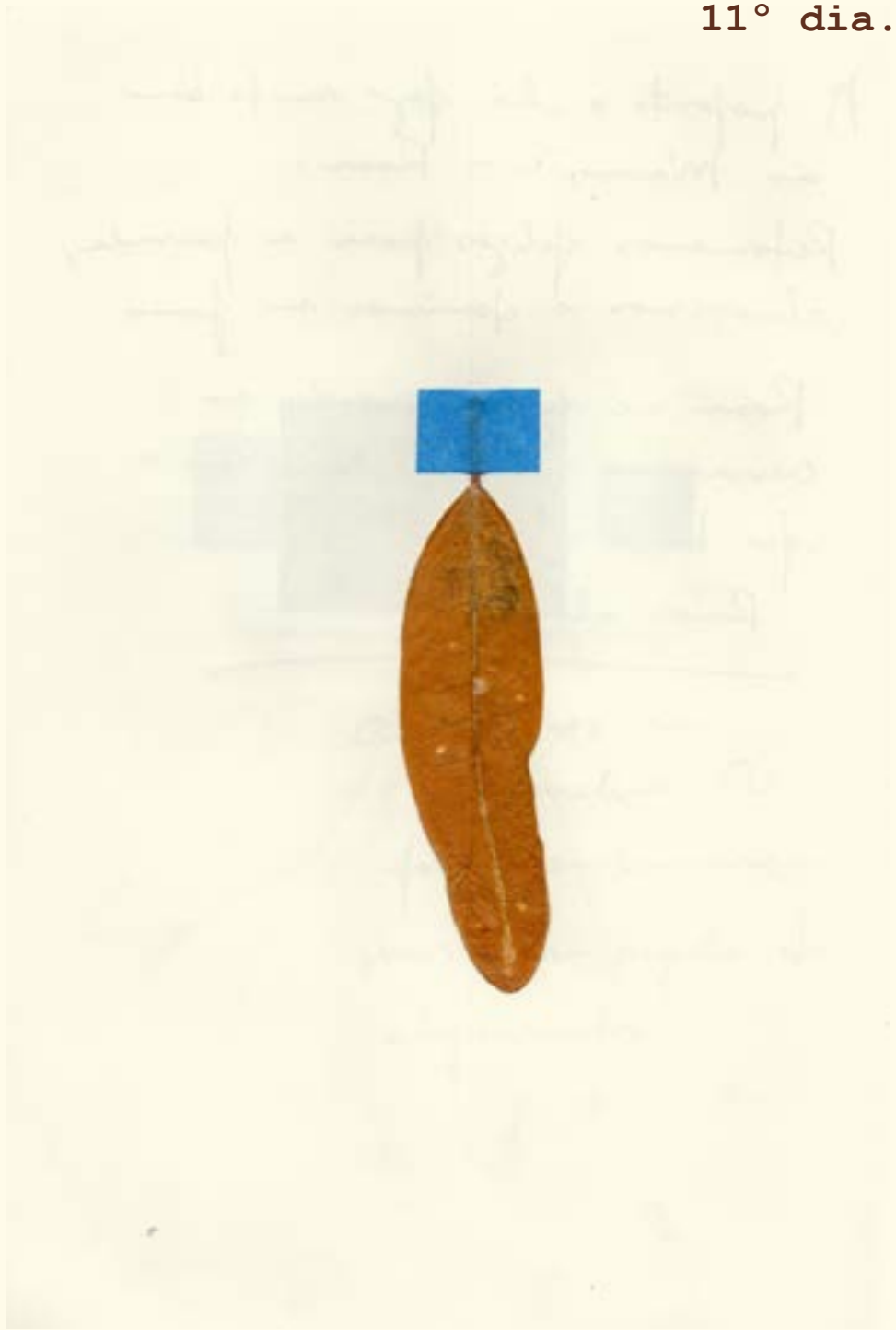
Fazer a roupa, a rede, a casa, as cestarias. Faz-se na vida. Faz-se na lida do cotidiano, na casa e para casa. A emancipação inicia-se ao fazer para fora o que se faz dentro de casa.

Essa é a grande tensão que percebo no trabalho dessas artesãs, assim como o meu próprio trabalho e no processo de minha invenção como artista – o fio foi e ainda é meu dispositivo de projeção para fora da casa, como artista e pesquisadora, meu elemento de pesquisa na universidade. Penso mesmo que é preciso instaurar na arte contemporânea todo esse material, pesquisa e produção. Não desvencilhar arte e vida, educação e processo, academia e sertão.

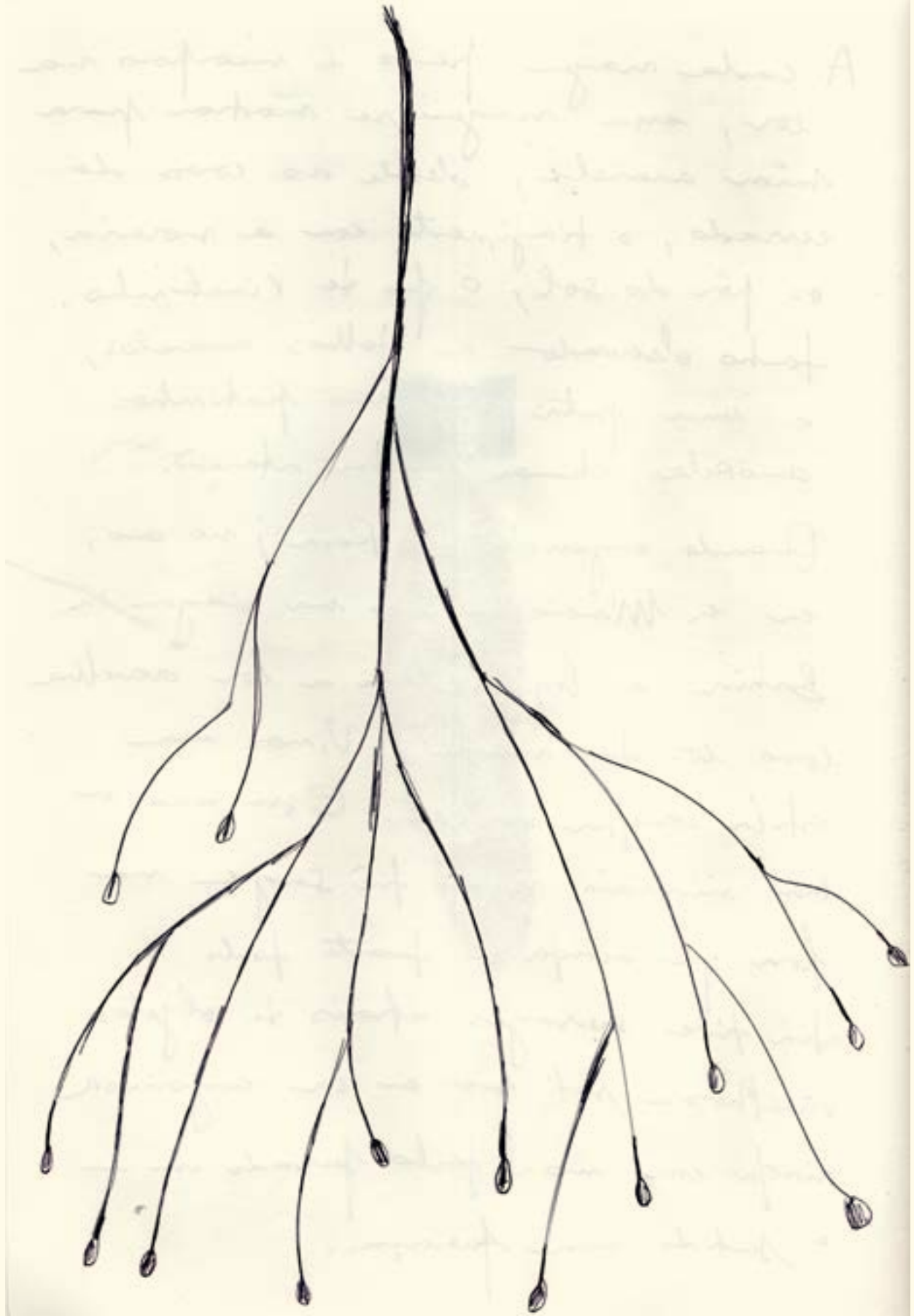
A arte contemporânea é um mundo de possibilidades, mas se pode produzir a partir de uma idealização romântica, tampouco mercadológico em relação ao outro. Acredito na brecha, no diálogo. Tento produzir algo que faça algum sentido para mim a partir do desvio, do afeto e do ponto de vista do meu país, república dos desvios.
Minha protetora é Nossa Senhora Aparecida, puro desvio cristão! A propósito da proteção, o chá fez muito bem para Márcio. Retornamos felizes para a pousada, almoçamos e dormimos um pouco. Rosa me disse, ao acordar, "quando crescer, eu vou trabalhar com o fio também!"

Rimos alto.

11° dia.



A cada nova viagem de campo, penso e incorporo uma cor em mim. Essa viagem se mostrou para mim amarela. Desde as cores do cerrado, o tingimento com a Moreira, os pores de sol, o fio de riachinho. Tenho observado as folhas amarelas e uma pata com seus patinhos chamou a minha atenção aqui na pousada.



Chegamos em Parnaíba, Piauí, na terça-feira, na hora do almoço. Um sol muito forte. Minha primeira impressão do Piauí foi de muito calor. Almoçamos e partimos para conhecer o Delta. Confesso que estava um pouco cansada e desanimada, iniciando uma leve gripe, mas o contato com o rio e o grande mangue foram magníficos. O mangue é o berçário do mar – e todas as vezes que tenho a oportunidade de estar em um mangue, emociono-me demais.
É a potência da vida em toda a sua força originária. Encantam-me a raízes suspensas, o mangue, a lama escura. Muita vida – o mangue é um grande útero. O delta me pareceu a raiz do oceano – muitos igarapés parecem raízes. Fiquei impressionada ao ver o desenho do delta no Googles Maps após essa minha percepção.

Paramos em um duna para nos banharmos no meio do passeio e descansar um pouco. Havia nessa prainha umas cabanas para pescador dormir, uma estrutura de casa, sem telhados e paredes. Uma estrutura formada por galhos e raízes do mangue. Fotografei bastante essa casa. Tenho pensado muito sobre as diversas casas que tenho visto e também nas casas que imagino. Fico pensando de que modo materializar essas moradas, histórias e imagens.

Sempre penso em Ítalo Calvino e as cidades invisíveis – gostaria de escrever contos ou pequenas histórias sobre as casas invisiveis. As casas no sertão do Nordeste são singulares! Possuem uma arquitetura muito específica, bastante geométrica e com as platibandas na fachada. São interessantes e me interessa sua origem, influência da cultura árabe no Nordeste. De fato, a cultura moura aqui deixou muitos rastros, vejo por exemplo no trabalho em couro, a túnica tradicional utilizada pelas mulheres mais velhas, os trabalhos em crochê, o cuscuz amarelo. Admiro muito o colorido em cal das fachadas, sobretudo quando desbotam. Os tons de azul, verde e rosa são os mais bonitos.

Gostaria de trazer esses tons para alguns trabalhos, não quero fazer um trabalho literal de representar as casas, mas gostaria de partir dessas casas, dessa geometria e dessas cores. É assim mesmo como observo e admiro as casas coloniais que se espalham pelo interior do Brasil. Uma caixa quadrada! Não podem ser mais bonitas! O Brasil é geométrico em sua forma e poética, os desenhos vernaculares partem de uma geometrização que está presente nas casas, nos bordados, na cestaria indígena, na padronagem das pinturas corporais.

Eu sinto assim, foi essa tradição geométrica que foi expandida pelos artistas neoconcretos. Sinto que preciso investigar mais, porém acredito que ainda é possível tensionar mais essa geometria partindo das casas. Entendo que o “dentro é fora” proposto por Lygia Clark em sua obra estava sintonizado com a vanguarda artística brasileira daquele período e que não levava em consideração uma discussão de gênero como acontece nos dias atuais. Os objetos relacionais são incríveis, partem da observação do cotidiano – o saco usado é um de cebola, mas esse fato é pouco considerado por críticos e acredito que até mesmo pela própria artista em suas pesquisas. O tensionamento proposto no dentro e fora não me parece estar relacionado com vida privada da casa e vida pública da rua, mas um tensionamento mais da ordem do pensamento, do íntimo – outra grandeza do íntimo, outro dentro, mais dentro ainda.

Não posso discutir o público e o privado sem dialogar com os neoconcretos, pois no tensionamento das forças, as formas se materializam quase sempre em uma geometrização, que é uma tradição forte na arte brasileira. Acredito que haja uma discussão de arte feminista na contemporaneidade que antes foi discutida por poucas artistas brasileiras dessa geração. Fico pensando em como instaurar esse dentro-fora a partir de outra lógica que é totalmente influenciada por essas artistas, mas fala de um outro lugar, fala da casa. Letícia Parente fez esse tensionamento, e preciso dialogar mais com a obra dela. Lucas Parente, meu amigo e neto da artista, às vezes me diz, "Você tem umas coisas parecidas com minha avó." Acho que é da ordem do dentro.

Visitamos as rendeiras do Morro de Mariana no dia 18 de julho de 2018, no período da tarde. Já estava definitivamente resfriada e bastante cansada, mas ao chegar na associação minha energia mudou completamente, fomos recebidas por senhoras muito alegres e rimos bastante com tantas histórias. A associação fica em uma comunidade chamada Ilha Grande, caminho para o porto de onde saem os passeios para o delta. É, portanto, ponto de partida e visitação para muitos turistas. Foi o primeiro fato que nos chamou atenção e conversamos sobre isso no final da entrevista, mediado pelas percepções de Márcio.

As rendeiras nos disseram que o turismo é fundamental para a preservação da renda de bilro, pois movimenta a produção. Renda de bilro, meu primeiro contato, nessa viagem, com a renda branca tradicional de origem europeia, trazida pelos colonizadores. A renda de bilro está presente em muitos países da Europa e aqui no Brasil está presente no Nordeste e no Sul, em Florianópolis, onde a colonização Açoriana foi bem expressiva. A renda de bilro é muito bonita, produzida magicamente no entrelaçar de bilros de madeira, aqui feitos com a semente da palmeira tucum. Ao fazerem a trama da renda, os bilros produzem um som. Dona Socorro me disse que o bilro daqui do Piauí canta mais bonito que o de Portugal.

A história se repete, todas aprenderam com as mães a fazer a renda, produzida a metro e vendida no passado pelos vendedores de renda para as senhoras mais abastadas da sociedade e moradoras da Parnaíba.

O resgate do fazer e da produção da renda em Morro de Mariana aconteceu em 2002 através do programa Artesanato Solidário, idealizado por dona Rute Cardoso de Melo. A atuação e força deste programa ainda é percebida; 15 anos após sua realização, quase todas a cooperativas que visitei foram beneficiadas por essa ação. Ao chegar no hotel, assisti uma entrevista na internet de dona Rute Cardoso explicando as motivações do programa: resgatar e fortalecer o saber próprio de cada região, não ensinar, mas organizar e criar estratégias para contornar a pobreza extrema das regiões de seca e criar condições de emancipação e autonomia para as mulheres.

Atualmente as cooperativas existem e funcionam independente do governo federal. Na ocasião do projeto, as artesãs ganharam a sede, os materiais iniciais, cursos de capacitação em parceria com o Sebrae, órgão importante para todas as artesãs – de apoio e divulgação, de promoção de cursos e de padronização de produtos, como jogos americanos, guardanapos e, ainda qualidade na apresentação, acabamento etc. Acredito que um dos próximos passos que o Sebrae deve promover é a certificação dos produtos através de um selo de origem, como já é feito com a renda em Portugal.

A renda de bilro é muito fina e delicada, é feita sempre através de pares de bilros. Três bilros fazem a urdidura e um faz a trama, os arremates são delicados e realizados com uma pequena agulha de crochê. A almofada aqui é preenchida com a palha do arroz e os alfinetes são industrializados, diferentes dos que vi em Alagoas em uma outra viagem de campo, onde os alfinetes eram espinhos de mandacaru.
Dona Socorro, a presidenta da cooperativa, disse-me que a matéria mais cara do processo são os alfinetes pois a durabilidade é muito pequena devido ao clima extremamente úmido da região do Delta, cada peça precisa de uma caixa de alfinetes.

Essa renda vestiu D. Marisa Letícia na posse do presidente Lula em 2003. Um belíssimo vestido amarelo. Todas relataram que foi uma grande emoção o dia da posse "ligamos a televisão na associação e choramos de emoção." Brinquei que Lula sairia em breve da prisão com uma blusa vermelha tecida por elas. Uma me disse, "Lula é gente nossa mesmo!".

A prisão de Lula é uma afronta à democracia e à justiça desse país. Uma prisão política, uma injustiça sem tamanho, orquestrada por um juiz raivoso e partidário que representa os valores de uma elite e da classe média deslumbrada que não consegue compreender a dimensão histórica, social, política, ética e estética do Brasil. Esse território chamado Brasil é outro após a passagem do governo PT, ainda que tenhamos vivido tristes episódios de corrupção.

Aqui no Nordeste a voz do povo é unânime quanto à melhora da qualidade de vida dos habitantes. As estradas, o projeto luz para todos, as universidades. Tamanha é a injustiça. E avançamos para um grande retrocesso e aumento da desigualdade social. Esse governo é ilegítimo e odeia o povo. Esse governo não usa renda de bilro. A foto do casal está emoldurada na sede, está em destaque na parede principal. É exibida com muito orgulho e representa um momento único da história, de quando os abismos sociais foram encurtados, de quando pontes foram tecidas. #lulalivre

As rendeiras nos contaram muitas histórias de cobras. Foi muito divertido ouvi-las. Eu e Rosa somos curiosas com as histórias de cobra, primeiro pelo medo e depois pelo excesso de precaução que temos na Serrinha, além de minha história particular com tantas cobras, durante o período de preconcepção de Rosa e depois de seu nascimento. Ouvimos muitos relatos sobre as cobras sucuris – cobra grande que engole grandes animais. O próprio nome Morro de Mariana foi batizado assim "porque tinha uma tal de Mariana que foi a primeira moradora do local e morava no morro. Não sei de onde veio, mas dizem que foi a mais antiga. Também não sei se era rendeira, uns dizem que sim e outros que não. Teve uma neta chamada Maura que um dia foi lavar roupa na beira do rio e a cobra sucuri a engoliu."

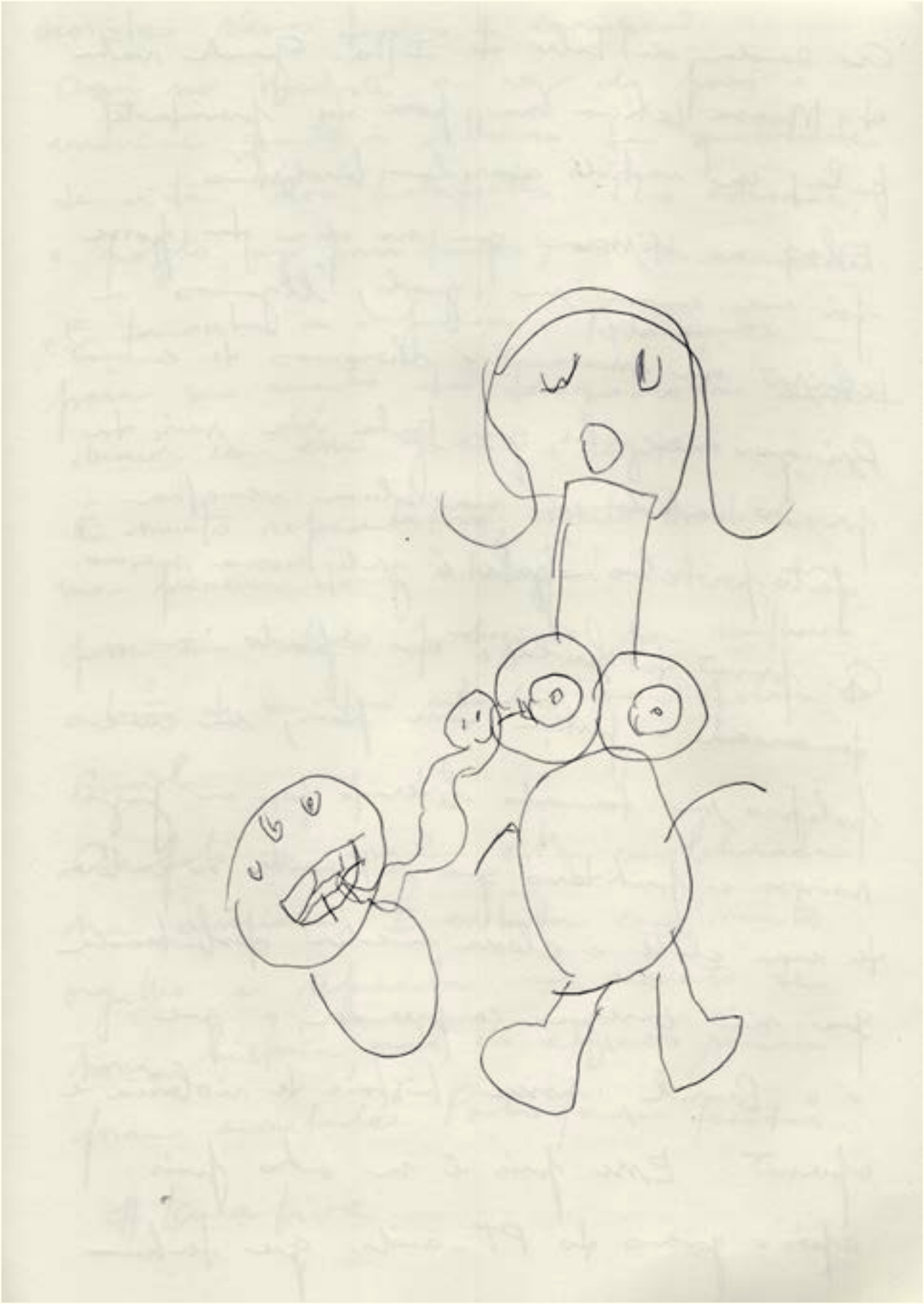
Depois dessa introdução, Rosa ficou super curiosa e os relatos sobre as cobras sucuris aumentaram. Muitas histórias da cobra grande que habita os igarapés. E a região é habitat perfeito dessa espécie.

Uma que me chamou atenção foi a da cobra negra que mama no peito da mulher puérpera e lactante. A cobra entra no quarto da recém mãe, de madrugada, coloca o rabo na boca da criança e abocanha o peito da mãe para mamar, a criança fica desidrata e acaba morrendo de sede. "Diz que a cobra é preta e diz também que é verdade, que aconteceu com a tia da vizinha da minha prima, é verdade, sim!"

Já tinha ouvido essa história da boca de d. Luiza, lá na Serrinha, e minha mãe também me contou uma certa ocasião. Sou fascinada por essa lenda, mas não pode ser real. Será?

Rosa ilustrou essa história aqui no caderno de campo e fiquei com muita vontade de também ilustrá-la. Quero muito investigar mais história – vou lembrar de perguntar no sertão. Parece-me uma história de terror sem igual e opressão à mulher puérpera que está em um momento de total fragilidade, amamentando, perdendo noites de sono. Seria essa história uma estratégia ainda maior de controle às mulheres recém-mães, de não dormirem para vigiar os filhos?

Dinalva, uma das rendeiras mais jovens e mais calada, no momento dos causos, nos contou que viu mula sem cabeça uma vez, quando estava namorando escondido da mãe. São histórias deliciosas, rimos muito. Causos, lendas e coisas da gente mesmo.



Consegui comprar duas dúzias de bilro de tucum, foi especial esse encontro por que, na ida ao delta, visualizei um trabalho que reproduza raízes de mangues com cordas, lãs e, nas pontas, havia os bilros como peso. Vou tentar construir um objeto. Tenho desejo de realizar uma exposição que tenha como narrativa essa viagem - a ver o que o universo vai me oferecer.

O rio aqui comanda a vida. O fio tece as histórias. O delta é berçário e raiz do oceano. Viveiro potente que contém em suas margens raízes que acolhem novos frutos, arquitetura germinal. A urdidura inicial me lembrou umas raízes, mas no princípio da renda quem manda é a semente.

O delta é berçario e Rio
do oceano. rioeiro potente
que contem em suas margens
raizes que acolhem novos
frutos. Arquitetura genial.
A urdidura inicial da
pesca lembra-me uma raiz.

“Antigamente o crochê completava nossa renda, hoje é nossa profissão.”

Edilza

13° dia.

A ideia desde o início da viagem era parar para descansar três dias em Jericoacoara, Ceará, para seguirmos para o sertão da Paraíba. Aqui chegamos e logo senti dores no meu ouvido esquerdo. Consegui descansar porque passamos quatro noites no Ceará, mas ao chegar identifiquei que na vila havia muitas mulheres vendendo por todo o lado peças em crochê.

Conversei muito com as vendedoras ambulantes e descobri, na conversa, que todas eram crocheteiras e que ali na vila de Jericoacoara havia algumas cooperativas de crocheteiras. Decidimos então ir até a cooperativa para entender o fenômeno do crochê na vila frente ao turismo cada vez mais forte. É algo surpreendente! Mulheres crochetando por todos os lados, em todos os cantos da vila havia mulheres com sacos e sacos de roupas de crochê. Muito turista por todos os lados também, as mulheres vestidas com vestido de crochê – algo bastante peculiar. Espantei-me diante dos fatos.

Na associação conversamos com as crocheteiras jovens que nos explicaram a história do oficio em Jeri, “que sempre existiu na época de nossa mãe e avós, elas faziam as varandas e a rede e vendiam para os atravessadores venderem em Fortaleza.” Com a chegada do turismo, aproximadamente 20 anos atrás, o movimento de mulheres crocheteiras começou a aumentar e se organizar por apoio e incentivo de um prefeito espanhol, que governou a vila por 20 anos e o apoio do Sebrae.

Cada artesã que produz o crochê tem a sua própria rede – outras mulheres que trabalham para ela – e assim vão formando uma grande rede. Na vila de Jeri são 70 mulheres cadastradas na cooperativa, que possuem suas redes e, na vila vizinha, de Jijoca são mais artesãs. Edilza, uma jovem crocheteira me disse que todo o sustento delas vem do crochê "Comprei meu terreno, construí minha casa, tenho moto. Aqui nossa vida é bem simples, não compramos sapatos e nem usamos calça jeans, por isso o dinheiro rende mais." As peças são baratas, são produzidas em larga escala, um vestido de praia custa 50 reais e uma colcha para cama de casal custa 200 reais. Tem uns vestidos lindos, para casamento no meu entender, que custam 200 reais. As moças me disseram que na alta temporada cada uma chega a vender 20 peças por dia! É muito crochê, é muito turista!

Conversamos ainda sobre o impacto do crochê na vila. Elas relataram que o turismo é bom, mas que hoje não conseguem mais morar na vila pois os preços são altíssimos. Há por todo povoado muitas pousadas e restaurantes sofisticados, muito turista europeu também. Houve e há um processo de gentrificação visível.

Percebo, porém, que há um processo de singularização na produção e oficio das artesãs ainda que o trabalho seja seriado. Elas transformaram uma tradição em um oficio singular, próprio. Caminham exibindo no verso de suas camisetas à prova de raios UVA e UVB a palavra crocheteiras. A maioria está empenhada na organização e na venda coletiva.

O fio é uma tecnologia e matéria prima relativamente barata e acessível, as artesãs detém o processo de confecção e elaboração. Além de barato, é leve (relativamente) e depende das mãos da crocheteiras, por isso, enquanto aguardam os próximos compradores, crochetam sem parar, e fazem um pequeno contrapeso na base da agulha amarrando um potinho plástico tipo de remédio. Disseram-me que é para ficar mais ágil e não doer a mão. Foi especial ver o trabalho em convívio e tensão com o turismo. Escrevi muito todos esses dias aqui, sentada em uma barraca de praia. Observei as vendas à distância, as negociações das turistas. Enfim, uma relação onde pouquíssimas levam em consideração o contexto onde é produzido.

No mar a energia é outra. Outro movimento. Diferente do delta, partimos agora para o sertão.

16° dia.

Saímos as 5 horas da manhã de Jericoacoara com destino a Fortaleza. Voamos de Fortaleza para Recife e assim que chegamos em Recife alugamos um carro e partimos em direção a Caruaru. Uma nova paisagem se anunciou ao pegarmos a estrada para adentrar no sertão pernambucano e paraibano. Chegamos em Caruaru no final do dia e partimos logo em direção ao bairro do Alto do Moura para conhecermos a casa onde viveu Mestre Vitalino.

A casa estava fechada, mas entramos no jardim e fomos até o forno onde se queimavam as peças. Os outros ateliês e lojinhas também estavam fechados, era segunda-feira e havia acontecido uma festa no bairro na noite anterior. Fomos embora, mas conseguimos sentir um pouco da atmosfera do local onde nasceu, viveu, trabalhou e morreu o maior artista popular do Brasil. Muita pobreza, muita adversidade ainda presentes no ano de 2018, imagino na década de 30 do século passado.

Tem uma fórmula que sempre penso: adversidade social produz um imaginário rico e diversificado, na minha hipótese essa estratégia do inconsciente acontece para produzir pontos de fuga e gerar uma economia de subsistência. São objetos que nascem a partir do contexto social onde seus autores estão inseridos e a partir das narrativas e vivências que norteiam seus processos de subjetivação: a casa, a religião, o trabalho no campo.

Lembro que uma vez viajei ao Sul do país com Márcio e fiquei surpresa, não percebi a mesma pungência criativa que sempre encontramos no Nordeste ou mesmo no Rio de Janeiro. E, acredito ainda, no interior, a preservação deste imaginário popular tradicional e a produção, bem como a receptividade, devem ser maiores do que nas cidades litorâneas. No mar, o movimento é mais rápido. Lugar de viajantes, de mais trocas, maior influência de outras culturas.

Caruaru é ainda um polo comercial importantíssimo na região. É a cidade que abre o sertão pernambucano, tem uma localização privilegiada no mapa, estratégica comercialmente. É um lugar de passagem. Atualmente, o forte da feira de Caruaru são as lojas de roupas, milhares de confecções, marcas próprias, muita roupa. Muita loja de aviamento industrial, linhas e tecidos. Uma grande Saara sertaneja! Roupas baratas de todos os tipos. Uma loucura. Comprei calcinhas, blusa com proteção UVA e UVB e seguimos viagem. Passamos por inúmeras cidades muito pobres, paupérrimas, no sertão de Pernambuco; mal organizadas, confusas, em transição para um novo tipo de comércio e indústria: a indústria do jeans! O sertão de Pernambuco é um polo têxtil. Algo inesperado, desorganizado, no meio do sertão, fábricas de jeans, lycra, algodão, sylk, grandes lojas, manequins – tudo no meio de muito caos, muita poeira e calor. Desejei fotografar, mas estava muito quente, Rosa estava enjoada e registramos apenas na memória.

Assim que cruzamos a fronteira Pernambuco – Paraíba a paisagem mudou completamente. A estrada mudou. Encontramos aquele sertão nordestino que estávamos buscando. Grandes campinas com árvores baixas, açudes, as casinhas caiadas, as cabras e bodes. Chorei de emoção ao vivenciar o pôr do sol no meio de todo aquele sertão da Paraíba – olhei nos olhos de Márcio e ele estava em lágrimas também. Foi uma travessia simbólica, a cada momento encontrava-me com uma imagem de Nossa Senhora pintada nas casinhas, nas portas dos bares, nas traseiras dos caminhões.

Senti medo na noite anterior, mas ali vivi um dos momentos mais plenos da viagem. Deparar-me com a realidade desafiante do sertão é destecer inteiramente crenças, medos e atitudes. É sair de uma zona de conforto e lançar-me rumo ao desconhecido. É algo libertador, encontrar-me em um processo interno limitante, o medo, mas arriscar todas as minhas crenças na fé e na paixão que sinto pelo fio, a paixão e o desejo de compreensão. A fé me move. E através dela caminho bem devagar pois tenho pressa.

Aprendi no final da faculdade com a querida professora Rosza vel Zoladz, a quem devo muito respeito e gratidão, quando desejei iniciar minhas pesquisas com o fio e o bordado. Ela me disse com sua voz rouca, seus cabelos vermelhos e sua maquiagem sempre borrada, ela dizia assim com todo o corpo, "Mariana é preciso fazer fé no fio".

Eu fiz e faço. Eu confio, sempre. Confiar. Confiando. Confiado.

“Foi o Lula que transformou o nordestino em gente, antes éramos coisas.”

Dona Flor

17° dia.

São João do Tigre foi a cidade mais especial que conheci nessa viagem, além da beleza típica de uma cidadezinha do sertão nordestino com as casinhas coloridas e geométricas, os vínculos que estabelecemos aqui nos permitiram atar laços fundamentais para a compreensão dos sentidos de todo esse percurso. Gentilmente fomos recebidos pela Fátima, na Associação das Rendeiras da Renda Renascença (Assoart). Com alegria fomos conduzidos para nosso quartinho bem modesto onde passaríamos a noite e posteriormente, Fátima nos conduziu até a casa da d. Flor e do sr. João, local onde faríamos nossas refeições. A cidade não possui hotel e restaurante. Fomos recebidos e alimentados corpo e alma por uma família de sertanejos, pessoas muito especiais, que nunca esquecerei!

Dona Flor, a dona da casa e cozinheira alegre, nos recebeu com muita alegria, histórias, irreverência e mais histórias, muitas histórias de uma vida severina passada por todos ali na infância “no tempo que nordestino era coisa”, como me disse. Na parede da sala, um crucifixo e um retrato de Lula, “meu Lula, sou a fã número um dele.”

Sr. João, seu marido, um negro alto e forte, de quase 2 metros de altura, nos recebeu com muita doçura. Chegou da roça, tomou seu banho e nos fez rir muito e, no final do jantar, fez questão de nos levar na casa de sua mãe d. Celeste, 88 anos. Uma senhorinha muito lúcida que me disse que reza cinco terços por dia, compra seu perfume a prestação, pois velho não pode ser fedido e já comprou um jogo de cama bonito para quando ela cair de cama, para as visitas não repararem no lençol velho. Disse ainda que reza para Joana D´Arc todo dia, a santa guerreira que a ajudou a criar os filhos no meio de tanta pobreza e adversidade. Presenteou-nos com flores de papel crepom que ela mesma faz, diariamente, e nos abraçou com muito carinho.

No dia seguinte tomamos o café da manhã e almoçamos com eles também. No final do almoço, antes de partirmos, Nil, a irmã de dona Flor, nos convidou para ver os cabritinhos que tinham nascido naquela manhã no sítio dela. Essa ida ao sítio Bela Vista foi o momento mais incrível da nossa viagem – vimos as cabras, muitas cabras nos meio daquela campina grande com seus badalos nos pescoços. O barulho das campânulas produz uma bela música aos meus ouvidos. Identifico-me com as cabras. Sou uma delas. Estão sempre em busca de um morro para subir, são resistentes e fortes.

A cabra que tinha acabado de dar à luz ainda tinha a placenta pendurada no seu corpo, o cabritinho recém nascido caminhava feliz na campina grande com o cordão umbilical arrastando na terra seca, criando uma inscrição, uma marca de nascença, um rastro. Um bordado mesmo. Senti uma paz grande de caminhar ao lado daquelas cabras e bodes.

Poderia ficar ali por horas, ouvindo aquele barulhinho dos sinos, pensei em tantas coisas.

Conhecemos ali o sr. João e d. Gerusa, os caseiros do sítio, que nos convidaram para visitar sua casa. D. Gerusa, uma senhora bastante forte, com a pele bem ressecada do sol, trabalhadora da terra, me mostrou a bela renda renascença que concluía e a outra que já iniciava. Com as mãos cheias de calos, produzia aquela renda branca, fina, era um pano de pão, me explicou. Mostrava-me cada detalhe de sua casa, o filtro de barro, o galinheiro, o milho secando e afirmava, “eu gosto mesmo é da vida aqui no sítio, acho uma paz, um sossego tão grande”. Forma momentos únicos, muita troca e identificação, olhares, sorrisos, fiz fotos belíssimas que pretendo enviar para eles. No final, ao nos despedirmos, Sr. João disse para o Márcio, “vocês nos deram tantas alegrias...”

18° dia.

A maioria das rendeiras prefere mesmo trabalhar em casa, pois vai fazendo as costuras entre as panelas.

A renda renascença é uma pérola muito delicada e minuciosa. É feita a partir de uma fita chamada lacê, cria-se um risco com o lacê e a partir da fita os pontos vão surgindo. São muitos pontos, aproximadamente 100 ou mais. É uma espécie de crochê com agulha de costura. Para algumas peças as artesãs utilizam uma almofada para firmar o ponto. O lacê é alinhavado no risco que fica preso em um plástico grosso, vi que muito desses plásticos eram sacos de ração para animais.

Visitamos duas associações, aquela em que dormimos Assoart e a Cooptigre. Na primeira, conversei com a Fátima, uma moça de 33 anos, rendeira e funcionária da associação. A associação é bem estruturada, já ganhou prêmios do Sebrae de Artesanato Top 10, uma premiação que elege os melhores artesanatos do Brasil. Trabalha por encomendas para grandes estilistas, mas, no momento, estavam sem nenhuma encomenda. Vi peças lindas, vestidos primorosos, mas não houve nenhuma que me coubesse. Comprei uma blusa muito linda e alguns panos que estarão na próxima exposição que farei assim que chegar ao Rio, a abertura está prevista para o dia 4 de agosto de 2018 e terá a curadoria do Shannon Botelho, chama-se Paisagem em Grão de Areia e será um dialogo de três artistas, Mariana Guimarães, Simone de Moraes e Laura Lydia. Amigas queridas e artistas que admiro muito.

Nessa exposição desejo apresentar uma instalação com pedras, fios e guardanapos de mesa com cacos de vidro e louças domésticas quebradas que venho acumulando. São objetos que se equilibram e se auto organizam entre a delicadeza e a violência, o ar e a terra. Ainda tenho dúvidas se utilizarei elástico ou fio para equilibrar as forças. Os guardanapos serão de renda e pretendo nomeá-la de Contrapeso.

Na Cooptigre fui recebida por seis senhoras rendeiras, que me relataram a mesma história, "aprendemos com nossas mães". E me contaram um fato emocionante, disseram que, no passado, não havia luz nos sítios, então a renda era feita sob a luz do candeeiro – fato que fazia com que elas acordassem com as narinas sujas pela fumaça da querosene.

A renda era feita à noite pois durante o dia elas trabalhavam na roça, cuidavam das crianças e da casa. A luz elétrica chegou há pouco tempo no sertão, com o projeto Luz para Todos; do mesmo modo, as estradas de asfalto foram inauguradas há seis meses, "nós éramos completamente isoladas". Hoje com os benefícios sociais como o Bolsa Família a miséria foi afastada da área, não há mais fome e o programa de construção de cisternas fez com que a última seca, que durou sete anos, sete anos sem chuva! Fosse menos violenta aos moradores e animais.

Conheci o secretário de assistência social de São João do Tigre, Elisandro, um rapaz jovem que me contou sobre a importância dos benefícios sociais. Ele me relatou que não há como entender a classe média deslumbrada e racista acreditar numa evasão do trabalho. Existe, sim, uma autonomia maior e o aumento do poder de compra do pobre, sobretudo de comida. "A gente hoje pode comprar muçarela para nossos filhos, como os filhos dos ricos comem." O governo do PT foi particularmente importante para esse grupo social – luz, cisterna e comida. É essa ascensão que acovarda os coronéis, que veem o povo comendo, e autonomizando-se.

Nós vimos muitos desvios e processos de singularidades potentes, sobretudo na resistência das mulheres artesãs em permanecer no trabalho tradicional, na organização e reinvenção de suas práticas e narrativas. Quando nos propusemos a conhecer o Brasil, e se desejamos de fato entendê-lo, vamos compreendendo que os vazios são abismos quase sempre intransponíveis. Hoje as distâncias estão aumentando mais uma vez e, em breve, veremos o impacto do golpe que vivemos. Em uma parada na estrada, vi na televisão que as taxas de mortalidade infantil estão crescendo novamente no país.

Houve no Rio de Janeiro ontem um ato muito grande pela libertação de Lula – artistas, intelectuais, trabalhadores e a classe política lutando pela justiça e liberdade de nosso presidente nordestino e sertanejo. Estamos há três meses da eleição para presidente e temos um cenário de caos, guerra, mentiras e muita injustiça.

Essa dimensão entre a violência e a delicadeza me surpreendem sempre. Produzir renda renascença à luz de um candeeiro é metáfora para mim. Produzir beleza com as mãos calejadas de trabalhar a terra seca, ver filho com fome, sofrer com a falta d´água, ver os animais morrendo. Produzir renda branca de flor de algodão no meio da aridez do sertão é o maior ato de resistência, poesia e sublimação que posso conhecer. É expandir a existência para outras possibilidades de vida.

O interessante é que vimos por todo o sertão um pé de flor, um arbusto pequeno com flores brancas. Esse arbusto foi unânime na paisagem e nas portas das casas — acredito que foi a única árvore com flores que vimos. A flor é branca e nasce em buquê, parece muito com jasmim manga, mas não tem perfume. Descobri que a planta se chama buquê de noiva, mas para mim poderia se chamar pé de renda.

O sentido está no fio.

20° dia.

Chegamos no Ingá por volta de 17 horas no dia 25 de junho de 2018. Logo paramos em uma padaria para esperar Denis Mota, um rapaz que conheci pela internet, guia de turismo da cidade e que nos hospedou em sua casa. Na padaria, aproveitei para provar o pão de peso da Paraíba, um pão feito com muita erva doce. Saborosíssimo. Lanchamos e seguimos junto do Denis para sua casa.

No dia seguinte fomos em direção à pequena cidade de Chã dos Pereira para conhecer as senhoras que produzem a renda labirinto. Havíamos combinado de passar o dia com elas, mas a líder das labirinteiras, dona Antônia, estava comemorando sua titulação como mestre artesã da Paraíba.

Chegamos antes das 10h no povoado pois logo depois começaria a missa em ação de graças pela titulação recebida. Conversamos mais ou menos meia-hora, e rapidamente ela me contou sobre sua chegada no povoado de Chã dos Pereiras, 50 anos atrás, e todas as suas atitudes e esforços em organizar as artesãs em torno de uma cooperativa ou, como ela disse, no trabalho coletivo. Na conversa, contou que foi em um sábado, após rezar o ofício de Nossa Senhora, que pediu ao padre da paróquia se poderia reunir as artesãs na igreja.

E assim foi feito durante muito anos, as artesãs se reuniam na igreja para juntas produzirem a renda labirinto. No final, d. Antônia me disse, “minha filha, não se faz nada sozinha.” Fiquei com essa frase na memória por muitos dias, a conversa com d. Antônia me sensibilizou muito, uma senhora de 86 anos com muita força e pensamento em rede, na partilha e colaboração. Uma grande mulher, feminista e sertaneja, que através de seu ofício de professora primária modificou completamente a vida de muitas mulheres e de um povoado inteiro, incluiu aquele pedacinho de nada no circuito das comunidades produtoras de artesanato tradicional do Brasil e foi reconhecida Mestra do Patrimônio Material do Estado da Paraíba.

O labirinto é uma renda que me intriga, o desenho acontece a partir do desfiar do tecido. Desfia-se o tecido para tecer nesse vazio uma história. O desfiar aqui me encanta, é feito com uma lâmina de barbear e, posteriormente, a trama do tecido é refeita a partir do entrelaçamento de novos fios e padrões, formando um labirinto poético a partir do que foi desfiado. É uma renda realizada a partir do tecido, o ponto não está no ar como na renascença ou no bilro. O trabalho é um grande labirinto. Desfazer e refazer.

Não consegui reunir as artesãs para uma conversa coletiva pois estavam todas envolvidas com os preparativos para a festa e a missa. Então procurei me adaptar à ocasião e ao imprevisto. Participamos da missa que contava com a presença de políticos, secretária de Cultura da Paraíba, deputados, puxas-sacos etc. Não lhes dei a menor importância, ando tão enojada de políticos que prefiro distância. Minha presença causou certo rebuliço, uma professora pesquisadora do Rio de Janeiro, mas preferi ficar do lado de cá da festa, ao lado da gente como a gente.

A missa foi bonita, rezei, me emocionei, cantei. Acho bonito, folclórico, ritualístico. Internamente, rezo minha missa e comungo do meu jeito. Crio minha religião interna, muito pessoal e íntima, mas me entrego aos rituais. São campos sagrados. A igreja era toda decorada com renda labirinto. Renda na mesa dos santos, nos altares, na mesa do padre, na batina, uma festa para o olhar.

Interessante perceber a relação que se estabeleceu nesta comunidade, a relação entre a renda e a igreja. Um retrato muito real da força da colonização e expansão da renda branca no Brasil, ensinada e difundida pelas irmãs religiosas nos conventos e ensinada às mulheres do povo como um modo de formação de mão de obra para produção da panaria religiosa e para a burguesia.

No final do discurso de d. Antônia na missa, ela reafirmou, “não se faz nada sozinha!” Principio número um da teoria da rede.

Após a missa fomos participar do almoço comemorativo. Confesso que toda aquela festa me pareceu muito familiar, toda aquela gente esperando os políticos se servirem primeiro, toda aquela gente me perguntando sobre o Rio de Janeiro e nos recebendo com alegria, tirando fotografia. Comida farta, arroz, feijão, tutu, carne assada, salada de batata, carne de porco, macarrão, muito refrigerante, farofa, tudo delicioso.

Senti um pouco em não poder estar a sós com as rendeiras, mas agradeci por participar de uma festa de titulação e de reconhecimento dos mestres artesãos e por perceber como o campo se organiza em torno dessas nomeações e distinções. Um campo que se estrutura do artesão ao político, que se vale desses espaços para a promoção de si e de seus partidos. Um grande labirinto.

Após o almoço partimos em direção ao Ingá para conhecermos o sítio arqueológico com gravações rupestres que datam de 6000 aC. Foi uma experiência muito rica estar em contato com as inscrições e todos os mistérios que envolvem o sítio arqueológico. Para Rosa, foi uma experiência inexplicável, inesquecível; percebi que ela esteve atenta aos significados, aos desenhos, aos ossos dos animais pré históricos em exposição no pequeno museu.

O sol estava a pino, e eu estava por um fio, quase na corda bamba. Aproveitamos a energia do local, Márcio fez muitas fotos, ficamos perplexos com as inscrições e com as condições de abandono da área, descaso do governo na conservação, divulgação e pesquisa das inscrições. A cidade poderia ser movida pelo turismo e pesquisa arqueológica, mas não possui um único hotel. A renda labirinto e as inscrições rupestres já seriam atrativos importantes para o desenvolvimento do local, de um turismo de base comunitária. Labirinto profundo.

21° dia.

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2018

Já escrevo de minha casa, chegamos ontem. A viagem começou com o fio e terminou na renda labirinto. Foram muitos processos. É preciso respeitar o tempo e criar um distanciamento para tentar entender. Sento-me para desenovelar toda a história vivida. Processar, digerir, deixar decantar.

Uma das últimas cenas da viagem foi ver o pôr do sol na beira do rio em João Pessoa. Lá tinha um músico que tocava bolero de Ravel de dentro de um barquinho no saxofone. À medida que o sol se punha, aparecia em seu barquinho todo vestido de branco tocando o instrumento. Havia muitos turistas, o pôr do sol e eu pensava que interessante essa profissão, todos os dias marcar o pôr do sol com música, tocar para o sol! Mas, ao mesmo tempo, perdia-me na poética e rapidamente pensava "mas ele viaja? Como faz quando fica doente? Será que não enjoa dessa música?"

Realmente gosto de observar as pessoas, entender, saber sobre os modos como vivem e como são os processos de produção de si mesmas. Essa prática trago comigo desde a infância e me lembro de sentar no banco da praça em Resende e imaginar como seria a vida dos transeuntes, as conexões possíveis.

O fio cada vez mais se afirma como meu instrumento de mediação e de diálogo com outras mulheres que, assim como eu, estão imersas em um cotidiano doméstico, têm filhos, maridos, buscam o novo no meio de um velho lugar. Somos mulheres muito diferentes, mas há algo em comum que nos une, o fio que nos projeta para além do lar. É no fio que se dá o tensionamento entre a vida pública e a vida privada. No fio existe a produção de uma singularidade pessoal e coletiva, no fio é possível reinventar a vida, os espaços e as condições que o cotidiano nos impõe. No fio está a confiança na beleza e na delicadeza frente à violência e opressão. O fio cria a conexão entre o mundo real e o mundo idealizado. O fio existe entre as panelas, a lida do lar, o desejo. O fio é o desvio, do olhar, do gesto, das interrupções que a vida coloca. O fio é a ação, é o fio-ação, um modo de viver, um devir que está estruturado em um movimento existencial do tornar-se todo tempo uma coletividade, integrando-se ao tecido. Produzir-se à medida que produz o outro. A compreensão do fio no todo. Do fio na ação do tornar-se e na produção de singularidades coletivas.

É interessante observar as rendeiras se afirmando a partir da posição que ocupam, elas têm uma articulação coletiva que é fundamental para a manutenção da práxis e, aliás, a práxis só permanece porque reinventaram o próprio sistema de produção. Associaram-se e, na coletividade, se fortaleceram. A grande questão não é o resgate da técnica, mas o refazer-se frente à técnica e ao ofício na contemporaneidade. São mulheres que conseguiram criar condições para produzir seus ofícios tradicionais a partir de um outro local de fala: somos rendeiras! somos crocheteiras! somos fiandeiras! Criaram modos próprios de referência.

As subjetividades impostas pelas perversas condições que contextualizavam suas práticas foram transformadas em processos singulares de atuação frente à comunidade de que fazem parte, ao mercado e à sociedade de um modo geral.

São mulheres reunidas em associações e em cooperativas. Discutem, votam, elegem a representante, questionam os atravessadores e parceiros, negociam os preços, procuram referências em mídias digitais, questionam os pesquisadores e, o mais bacana disso tudo, permanecem em suas localidades, trabalham em um oficio que possibilita uma visibilidade e diferenciação no campo cultural, econômico e social de seus estados e no país. Movimentam a economia doméstica sem sair de seus lares, suas cidades e suas histórias. O fio torna-se um dispositivo que faz com que elas permaneçam em suas origens e que avancem a partir dela. E é na origem que está a força da vida. São mulheres que poderiam estar trabalhando em condições adversas nas capitais completamente descontextualizadas de suas terras e origem. O que mais é preservado é a possibilidade de viverem de um oficio tradicional em suas próprias comunidades, trabalharem em seus lares e se projetarem a partir dessa equação.

O fio-ação seria, então, essa condição de tecer uma vida coletiva à medida que se tece uma vida particular e íntima, mas que para esse movimento de fato aconteça é preciso um destecer de práticas opressoras e arraigadas em valores excludentes, violentos e de exploração. O fio-ação é um movimento processual de tecer-se à medida que tecemos o coletivo. Um devir que se realiza no encontro com o outro, a partir do outro e reverbera em si mesmo e produz processos de singularização e autonomia na relação intrapessoal e coletiva. É um devir-com, uma micropolítica de transformação em que o movimento processual do tecer-se é sempre o movimento coletivo do tecermo-nos através de modos de invenção, agenciamentos coletivos, práticas de cuidado, afeto e, sobretudo, diálogo.

Rosa e Márcio no
pôr do Sol em
frente Penoa.

Mariana Guimarães, artista, educadora e pesquisadora. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Docente de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFRJ. Doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ. Sua pesquisa está relacionada com a investigação do fio como dispositivo de mediação na arte contemporânea e educação em diálogo com práticas ancestrais de tessitura e seus inúmeros desdobramentos políticos, estéticos, éticos e sociais. Desenvolve trabalhos e pesquisas com distintos grupos em diversos territórios.

Participa de diversas exposições coletivas e individuais. Premiada pelo Ministério da Cultura em 2008 pelo projeto Retalhos de Memória e em 2014 pelo instituto Arte na Escola pela sua pesquisa e prática docente.

www.marianaguimaraes.art.br.

Caderno de campo - texto
Mariana Guimarães

Revisão
Mônica Machado

Projeto gráfico
estúdio quitanda

Entrevistadas

Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana
Parnaíba – PI

Maria do Socorro Reis Galeno
Laura Maria da Costa Souza
Maria Helena Castro Branco Costa
Luzia Sá da Silva
Rosiane dos Santos Gaspar
Maria do Rosario Reis Galeno

Associação das artesãs do Marcelino
Marcelino - MA

Roselene de Jesus Batista Parada
Sônia Maria Batista Cabral
Raimunda Pereira da Silva
Nelza Maria da Silva
Maria de Jesus Pereira Silva

Lavadeira e passadeira – Barreirinhas
Maranhão - MA

Marilene Barbosa da Silva
Rocilma Carmo

Associação dos artesãos de Riachinho
Riachinho - MG

Maria das Graças França Rosa
Virginia Mendes Leles
Diva Maria Santos
Emilia Gomes Rosa

Associação dos Artesãos Cores do Cerrado
de Uruana de Minas- Uruana - MG

Evaneide França Almeida

Associação dos Artesãos de Bonfinópolis
Bonfinópolis - MG

Maria José Farias Fonseca
Francisca Maria de Jesus
Anatalia da Silva Lisboa Brandão
Antônia da Silva Souza Melo
Dina Silva da Fonseca

Associação de Crocheteiras Mundo Jeri
Jericoacoara - CE

Antonia Jeiciele da Silva
Edilza Marciana da Silva

Coopetigre – Cooperativa de rendeiras
renascença São João do Tigre - PB

Tereza Cristina de Freitas
Edvaura de Freitas Bezerra
Dolores do Carmo Feitosa de Freitas
Maria Cleonice F. Ibipiano
Maria das Dores dos Santos

Assoart – Associação de rendeiras renascença São João do Tigre – PB

Maria de Fátima Souza Alves

Associação das Artesãs Rurais de Chã dos Pereiras - Chã dos Pereira - PB

Antônia Ribeiro de Mendonça

Agradecimentos

À todas as rendeiras, fiandeiras, crocheteiras, bordadeiras e tecelãs pelas trocas e acolhimento generoso.

Márcio Macedo e Rosa Guimarães de Macedo Central Veredas, Socorro Costa, Dona Flor e seus familiares, Izabela Pucu, Secretária de Turismo de Uruana de Minas Gerias, Denis Motta, Inajah Cesar e Mariana Castro.

Este caderno foi composto por
muitos fios, historias , afetos.

•